
O EFEITO DA FALA DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE OS ALUNOS – A RELAÇÃO CORPO- LINGUAGEM

Silvana Perottino^{40*}

(UESB)

RESUMO

Enunciados proferidos por professoras de língua portuguesa que lecionam nos últimos anos do ensino fundamental são analisados na perspectiva da crise instaurada pela atenuação da metáfora do “Nome-do-Pai” (LACAN, 1998) na sociedade contemporânea. A pergunta que se faz é: quem se encontra excluído no/do contexto escolar? A resposta mais óbvia, “a criança como excluída”, por sofrer a violência pela palavra que vem do outro adulto e de ser por ele silenciada (ORLANDI, 1990), pode não estar plenamente sustentada. O professor, na posição de quem agride encontra-se em uma situação paradoxal, pois ao querer medir forças com aquele que tem menos experiência de vida, vem apresentado como aquele que se apresenta por meio de um discurso em que sentidos dúbios ficam expostos. Vulgariza-se a palavra dirigida ao outro, cujos termos são relativos ao corpo (de quem?) ou o que se faz com ele (a prática sexual, os sentimentos, o “adoecimento”), o que aponta para uma questão dirigida ao seu alunado sobre a moral e não a ética no campo educacional e, também, sobre o lugar do afeto na relação ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem, Análise do discurso, Relação corpo-linguagem

40 Docente do curso de pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista.

INTRODUÇÃO

A identidade de um sujeito é múltipla e se constitui em diversos espaços sociais, na relação com o outro, e não é homogênea. Em seu artigo sobre identidade lingüística no cotidiano escolar, Orlandi (1988) define alguns aspectos da identidade, como o fato de ela ser móvel, o que a leva a afirmar, paradoxalmente, que a unidade dos processos identitários é uma ilusão necessária, uma obra realizada pelo imaginário. Para a autora, a identidade é um movimento na história, uma articulação entre unidade e dispersão. É necessário haver a unidade do sujeito, “para que, no movimento de sua identidade, ele se desloque nas distintas posições” (p. 204), sendo, por exemplo, professor(a) em uma escola da rede, sendo pai/mãe em casa, aquele(a) que conversa em um café etc. A ressalva a ser feita vem do fato de essa unidade identitária imaginária faz surgir os processos de exclusão e de preconceitos. Para Orlandi, essa unidade não se faz sem custos, pois as diferenças, pensando na questão da identidade linguística - seu foco de análise -, são apagadas, mesmo que elas sejam reconhecidas (como na situação em que o professor pode dizer ao seu aluno “blusa” e não “brusa”, “fazer xixi” e não “mijar”).

Ainda nos detemos em outras afirmações da pesquisadora acerca da identidade do ponto de vista discursivo, pois ela nos permite refletir sobre modos de constituição dos sujeitos que, no nosso caso, também está relacionado à situação em que a fala do professor (ainda que aqui não seja o contexto em que ele esteja corrigindo a fala do aluno) intervém na constituição da identidade deste último. Está configurada a segunda afirmação da autora, a de que “os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos” (p. 205).

A sua terceira constatação é a de que a identidade não se aprende. Os sentidos e os sujeitos “resultam de filiações em redes (na relação de distintas formações discursivas) em cujo jogo somos pegos,

pelo (desde o) interior.” (p. 205). Trata-se da ilusão de ser a origem do dizer, mas que, na verdade, remete a um já-dito, já-lido, já-escutado, que, de acordo com essa perspectiva de discurso, significa que falar de sujeito é se referir a uma posição, devendo ele ser compreendido não como empírico ou psicológico, mas como porta-voz de enunciados com os quais há identificação e que já se encontram vinculados a formações discursivas, a rede de sentidos específicos. Para a autora, tal reflexão leva ainda a uma quarta constatação, a de que a identidade é um movimento na história. Isso significa pensar que o sujeito ou a produção de sentidos se produz tanto na repetição quanto no deslocamento. Os diversos saberes escolares, os discursos escolares, são, do ponto de vista da autora, a “identidade linguística escolar”, aquilo que compreende os discursos produzidos por e na língua. Neles haveria a repetição, mas também o equívoco, tomado como lugar de interpretação, de transformação dos sujeitos.

MATERIAL E MÉTODOS

Passamos agora ao relato de três situações ocorridas em sala de aula cujo foco é a fala da professora dirigida aos seus alunos para refletir acerca da questão de como a identidade do sujeito/aluno que vai sendo constituída na relação professor-aluno. Chamamos atenção para o fato de que a essas falas das professoras segue-se, por parte dos alunos, silêncio, risadinhas ou pequenos movimentos corporais de “ajuste” na carteira. Não há uma réplica explícita, uma fala que conteste, naquele momento e naquele lugar, o que é dito pela professora. As falas das duas professoras, objeto de análise neste trabalho, tiveram efeito sobre os observadores (estudantes do curso de Letras) de uma aula de língua portuguesa em uma escola municipal do interior da Bahia.

A observação em sala de aula foi realizada semanalmente e totalizou três visitas. Cada grupo de cinco estudantes do curso de Letras (V semestre) assistiu a aulas da disciplina de língua portuguesa ministrada para alunos do denominado ensino fundamental II (sexta, sétima e oitava série, de acordo com a nomenclatura ainda utilizada no município). O objetivo das visitas orientadas era verificar quais eram as práticas de ensino de português realizadas, tomando como parâmetro concepções teóricas sobre o letramento, segundo estudos de Kleiman (1995, entre outros) e que foram discutidas durante a disciplina de Aquisição da Linguagem do referido curso.

Os três enunciados, alvo da presente análise, foram reportados pelos alunos da disciplina de Aquisição da Linguagem durante a realização de seminários cujo objetivo foi o de relatar a experiência de observação das práticas de letramento realizadas pelo professor. A discussão a respeito de letramento, compreendido como uso da escrita em situações sociais reais, que envolve por parte do professor a utilização de conceitos como o de trabalho com projetos em rede, resultou na conclusão de que ainda havia, por parte do docente, a recorrência aos exercícios do livro didático, sem que textos pelos quais os alunos já transitavam fossem considerados.

Queremos reportar aqui que dois desses enunciados proferidos por uma mesma professora na sala de 7^a série foi considerado pelos estudantes do curso de Letras como desrespeitoso em relação aos adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro enunciado foi produzido por uma professora quando um aluno se levantou durante a aula e se dirigiu à janela da sala. Ao parar em frente a ela, faz o gesto de se abanar com uma das mãos, momento em que professora volta-se aos alunos e diz com a voz elevada: “Gente, liga não, **ele está com hemorróidas**”.

O segundo, proferido quando a professora propõe uma atividade para ser realizada em grupo, vem acompanhada por um sorriso: “Agora, vocês **ficam de quatro**”.

No caso da primeira fala, é plausível pensar que essa seria uma reação à situação na qual ela se incomode com a atitude desse tipo – o aluno sair da sua carteira e andar pela sala – e sem recorrer a um discurso pontuado por represálias a esse tipo de comportamento, ela impinge ao aluno um problema no corpo – estar com hemorróidas – (e não com formigamento nas pernas, por exemplo) – o que pode vir a provocar “vergonha” diante dos colegas e reversão imediata da ação que estava sendo feita.

O outro enunciado, “Agora, vocês **ficam de quatro**”, pronunciado com um sorriso, deixa claro que se trata de alusão a uma posição realizada no ato sexual. Pode-se considerar que ela não tenha dito isso com o objetivo de levar seus alunos a perceberem o jogo de palavras instaurado e a conotação sexual da expressão “ficar de quatro”, mas o sorriso denuncia sua alusão a esse sentido.

Os dois enunciados pertencem ao universo das piadas, grosseiras ou não, ou seja, eles pertencem a uma determinada formação discursiva. Ao se deslocarem para outra situação discursiva, ocorre uma mudança no sentido, pois não é mais “estão todos em uma sala e, de repente, um indivíduo levanta-se da sua cadeira e o outro, não podendo deixar de aproveitar a deixa, diz “liga não, **ele está com hemorróidas**”. No caso

da fala da professora, o alvo é bem específico, não é mais um indivíduo qualquer ou um fulaninho e sim o aluno “X’.

No caso de “Agora, vocês **ficam de quatro**” parece haver uma satisfação por parte da professora quando da produção desse jogo de palavras, do duplo sentido, que resulta em um humor mais sutil. Trata-se de um universo discursivo específico, o campo do humor, que não seria inocente, se assim podemos dizer, mas malicioso, por envolver o corpo e a sexualidade. Importante destacar que esse jogo de palavras não vem explicitado aos alunos e pode deixar brecha para se pensar em um prazer solitário por parte da professora. Os alunos são colocados na posição de dominados, tanto por ficarem sem entender o jogo da linguagem referido no segundo enunciado quanto pelo fato de a eles ficar designado o papel de submissão no jogo sexual.

O terceiro enunciado aqui reportado foi dito por outra professora de língua materna de quinta série, e ocorreu na situação em que a professora, interrompe uma atividade de competição entre os grupos. Nela era visada a produção de frases com o maior número de palavras com uma determinada letra do alfabeto. Uma aluna questiona a professora, pede-lhe uma explicação para o fato de não continuarem a atividade, ou seja, não saberem qual dos grupos vencera. A professora indaga, então, a essa aluna: “Responda, mas **do fundo do seu coração**, você continuaria depois da bagunça que vocês fizeram?”. Chamamos atenção para o fato de essa situação não ter sido reportada pelos alunos do curso de Letras durante o acompanhamento das aulas de língua materna na escola, mas sim pela docente da disciplina de Aquisição da Linguagem. Para esses estudantes o que pareceu desconcertante foi o tipo de atividade realizada pela professora (quase uma aula toda usada para que os alunos elaborassem uma frase) e o fato de eles não terem lido o que produziram.

Diferentemente dos dois enunciados apresentados inicialmente, nesse se faz presente uma parte do corpo, o coração, e a conotação não

é sexual, mas sentimental. Quando se diz “do fundo do seu coração”, a relação pretendida é da sinceridade, do dizer a verdade, ser honesto em relação ao que se diz ou se faz ao outro. É uma interrogação dirigida à aluna com apelo à fórmula conhecida para levar supostamente a uma franqueza na resposta a ser dada. A resposta dada pela aluna acontece por meio de um movimento do corpo: ela abaixa a cabeça, o que permite reconhecer um jogo de poder estabelecido em sala de aula, vindo a afirmar uma prerrogativa, o fato de que as atitudes da professora não poderem ser contestadas.

Os enunciados das três situações relatadas permitem-nos afirmar que a sua aparente unicidade dissolve-se ao mudarem as suas condições de produção (ver Orlandi, 2010, entre outros). Nos três enunciados há o apelo a partes do corpo, à região ou ao movimento corporal que remete a determinada posição sexual ou, no caso do terceiro dizer, ao órgão que está ligado à emoção humana.

Quais são os efeitos de sentido desses enunciados? No caso dos dois primeiros, as posições sujeito que ali comparecem são de submissão: por meio do humor, indica-se qual o lugar designado ao alunado, qual a sua identidade: adolescentes, e por isso mesmo com a questão da sexualidade à flor da pele, para os quais, no entanto, se destina uma posição fixa, a de dominado. No terceiro, a posição sujeito também é a de se encontrar sob o poder de um outro, pois a pergunta retórica já contém a resposta que favorece aquele que está inquirindo.

CONCLUSÕES

Esta breve análise toca na questão da identidade, na produção de sentidos, que, no caso, mostra-se intocável em termos de preservar os papéis desempenhados pelos sujeitos no cotidiano da sala de aula: o que detém o poder e os que a ele se submetem. Não se trata, portanto,

da relação de autoridade, e sim do poder de um sobre o outro. No apelo, ora ao sexual ora ao sentimental, o corpo está em evidência para perpetuar relações de dominação.

No entanto, haverá possibilidades de saída para a polarização entre aquele que domina e o que se encontra submetido? Há um mecanismo de silenciamento imposto por esses enunciados aos alunos (ORLANDI, 1990), ou seja, não há outra forma de eles estarem no mundo a não ser na posição de dominado, pois está restringida a eles a circulação por outras formações discursivas. No entanto, formas de resistência podem ser observadas em outros espaços que não o da sala de aula, como na situação em que os alunos fazem com que sejam tocadas suas músicas preferidas na hora do intervalo, pelo bem (com o consentimento da coordenadora pedagógica) ou “pelo mal” (sem o consentimento) e, nesses casos, a contenção corporal deixa de ser evidente.

Como a metáfora do Nome-do-Pai (lei simbólica, lei do significante) (LACAN, 1998) pode ser invocada na compreensão desses acontecimentos discursivos? Essa noção teórica desenvolvida por Lacan clarifica a questão da identificação que vimos discutindo. Os enunciados proferidos pelas professoras instalam um não comprometimento com o seu dizer. Não há responsabilidade sobre o dito no sentido de se pedir algo aos alunos que esteja relacionado ao modo de funcionamento de uma aula, do que esteja suposto na relação professor-aluno para que possa transcorrer o acontecimento “aula”.

O efeito desse não comprometimento do professor ou de imputar ao outro “aquilo que não quero ou não consigo realizar”, como ter claro a ideia e os procedimentos para o que se pretende com as aulas de língua materna dos últimos anos do ensino fundamental. Talvez seja a prevalência do desencanto com o processo de ensino-aprendizagem que esteja atingindo os dois pólos dessa relação, o professor e o aluno, e aquilo a ser transmitido. Explicando melhor: os laços sociais na

contemporaneidade encontram-se esgarçados e as instituições sociais (família, escola) são vistas como destinadas a oferecer o prazer ou a satisfação pessoal para os seus componentes. Elas estão incumbidas de tornar os indivíduos mais felizes e, nesse sentido, aquilo que soa como negociação de pontos de vista ou refacção de tarefas ou compromissos já realizados entre os seus membros parece estar sendo custoso e negligenciado.

Uma conclusão provisória desta análise dos enunciados das duas professoras toca na questão das formações discursivas pelas quais as professoras circulam: diz-se o que diz para silenciar os alunos, o que indica o preconceito em relação a eles, considerados como não tendo condições de aprender aquilo que se convencionou. O silenciamento dos alunos em sala de aula vem mostrar que essa força de dominação ainda prevalece. Os focos de resistência se evidenciam fora, no pátio, quando o corpo fica em evidência, pelos movimentos corporais que realizam ao ouvirem sua música. No entanto, ao retornarem à sala de aula, o professor parece ter a necessidade de apagar o que o seu olho vê e deseja (expressar a sensualidade), colocando sob o seu jugo esses corpos.

REFERÊNCIAS

- KLEIMAN, A. B.. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In:_____. (Org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.) **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2010

_____. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (org.) **Lingua(gem) e identidade** – elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo, Fapesp, 1998.

_____. **Terra à vista** - discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.